

Mais formação, mais divulgação, melhor saber

O novo presidente da Sociedade Portuguesa de Medicina e Cirurgia do Pé, Paulo Felicíssimo, elenca os objetivos do organismo para os próximos anos, à medida que nos dá a conhecer a evolução a que esta área tem assistido.



Fundada há precisamente 35 anos, a Sociedade Portuguesa de Medicina e Cirurgia do Pé corresponde a uma entidade sem fins lucrativos, assente na missão de promover o estudo e a investigação de patologias e métodos de tratamento ligados a uma região anatómica caracterizada pelo interesse que desperta num amplo conjunto de especialidades médicas. Significa isto que, desde 1982, esta correspondeu a uma entidade capaz de agregar – sob a temática do pé e

do tornozelo – o esforço e o interesse de profissionais provenientes de horizontes tão diversos quanto a endocrinologia, a fisioterapia, a dermatologia ou a ortopedia.

Hoje, a quase totalidade dos seus elementos pertence à última das especialidades citadas, não sendo de admirar a grande relação de complementaridade que existe entre a Sociedade Portuguesa de Medicina e Cirurgia do Pé e a Sociedade Portuguesa de Ortopedia e Traumatologia

(SPOT). Ainda assim, e nas palavras do atual presidente, Paulo Felicíssimo, “é nossa intenção mostrar ainda mais a Sociedade e abri-la a todos os especialistas que estejam interessados na patologia ou no tratamento do pé”. Mas se a partilha de conhecimentos entre a classe médica corresponde a uma das filosofias deste organismo, ressalve-se ainda um compromisso de sensibilizar a população geral para a importância destas mesmas temáticas na sua vida.

Ortopedista de formação, desde muito cedo que o nosso interlocutor se apercebeu da sua “particular apetência” para a área cirúrgica do pé e tornozelo, nomeadamente através da experiência adquirida no Hospital Curry Cabral, “onde se começou a desenvolver uma consulta de cirurgia para esta região anatómica”, algo inovador nessa altura. A evolução deste serviço médico em Portugal foi, como tal, acentuando-se ao ritmo com que Paulo Felicíssimo consolidou a sua carreira, primeiro na já referida unidade hospitalar (onde se tornou especialista e coordenador de equipas) e, posteriormente, enquanto diretor do Serviço de Ortopedia B do Hospital Fernando Fonseca.

Paralelamente, aceitou o desafio de coordenar (durante três anos) a Secção do Tornozelo e do Pé da SPOT, assumindo-se como uma das vozes mais ativas na promoção desta área científica. Enquanto isso, e no decurso do seu continuado papel como membro da Sociedade Portuguesa de Medicina e Cirurgia do Pé, atravessou um amplo percurso hierárquico que culminou, este ano, na sua chegada à presidência da direção. “Acima de tudo, é um orgulho poder representar a ortopedia nacional e, mais particularmente, esta área do conhecimento”, revela Paulo Felicíssimo, que não esconde “a

responsabilidade de levar a Sociedade a bom porto”, garantindo um saudável desenvolvimento e uma maior consciencialização pública.

Linhas-mestras

Questionado sobre esta nova etapa profissional, o nosso entrevistado faz questão de salientar as suas principais ambições e projetos. Uma das grandes atividades que a Sociedade já se encontra a antecipar é a organização e realização da próxima edição do Congresso Nacional do Pé e Tornozelo (prevista para abril de 2018), palco de excelência para o debate e troca de conhecimentos. “Felizmente, temos especialistas em Portugal com uma grande capacidade técnica e que já conseguiram o reconhecimento internacional”, constata o nosso entrevistado.

Temos, por isso, “congressos de alto valor científico, não apenas na apresentação de casos clínicos, mas também na divulgação de novas técnicas cirúrgicas e tratamentos inovadores”. Já num esforço de promover e reforçar o contributo de novos especialistas – nomeadamente através da apresentação de casos clínicos –, a iniciativa “Um Dia Com o Pé” promete continuar a propagar-se por diferentes regiões e hospitais do país, fazendo jus a uma continuada aposta na afirmação de novos valores.

Mas outro aspeto antecipado com igual dose de importância é a consolidação de uma parceria entre a Sociedade Portuguesa de Medicina e Cirurgia do Pé e a Universidade Nova de Lisboa, através da qual se deverá dar início, já no próximo ano, a um curso de pós-graduação dedicado a esta área do saber. “Atualmente, não existe um percurso académico que as pessoas que se queiram dedicar à cirurgia e patologia do pé possam seguir”, la-



menta o porta-voz, aludindo a uma importante lacuna. O que se verifica, pelo contrário, é que os maiores especialistas desta região anatómica “começaram a participar cada vez mais em eventos científicos dedicados ao pé e tornozelo, mas sem ter tido uma formação programada e orientada”.

Estado da arte

De acordo com os dados da Sociedade Portuguesa de Medicina e Cirurgia do Pé, existirão cerca de 1300 ortopedistas no nosso país, ao passo que, há cerca de 30 anos, o seu total não ultrapassaria os 250 especialistas. O “significativo crescimento” na quantidade de profissionais assumiu-se, de resto, como um dos principais motivos para o facto de, atualmente, serem cada vez mais os ortopedistas que se dedicam especificamente a uma região anatómica, de

forma a garantir não apenas uma maior diferenciação profissional, como também a garantia de um serviço mais especializado nas unidades hospitalares onde intervêm.

Paulo Felicíssimo acredita que, neste momento, haverá entre a 60 a 70 ortopedistas especificamente dedicados ao tratamento do pé e do tornozelo. “Esta crescente dedicação à patologia do pé e tornozelo ocorreu de forma natural e, em grande parte, como resultado da pressão da sociedade civil e das regras que ela própria impõe”. Será, ainda assim, expectável que o avançar dos anos se faça acompanhar de uma consolidação destes números em todas as áreas anatómicas de interesse ortopédico. Outro aspeto que promete continuar a evoluir será a tipologia dos métodos de tratamento para as patologias mais comuns desta região do corpo humano.

“O tornozelo, pelas entorses, é talvez uma das articulações que mais sofre com determinado tipo de desportos”. Assim sendo, entre os problemas mais comuns a ele associados, contam-se “as instabilidades crónicas que podem ocorrer por rutura ligamentar ou as lesões osteocondrais, nomeadamente do astrágalo”. É nesse âmbito que técnicas como a artroscopia do tornozelo permitem a concretização de uma série de procedimentos cirúrgicos, desde o tratamento de lesões osteocondrais à reconstrução de ligamentos.

Por seu turno, e no que concerne à região do pé, o realce vai para a patologia degenerativa, que muitas vezes se relaciona com o avançar da idade ou com a existência de sequelas traumáticas, bem como outro problema mais frequente: os hallux valgus (joanetes). “Hoje temos acesso a técnicas minimamente invasivas para este tipo

de patologia”, constata Paulo Felicíssimo, numa alusão à “grande evolução do ponto de vista técnico” a que se assistiu no tratamento de problemas que, outrora, exigiam “uma cirurgia clássica, com períodos de recuperação prolongados”.

“Diria que as grandes evoluções da última década foram as técnicas artroscópicas e as cirurgias minimamente invasivas”, conclui o especialista. Já no que corresponde ao futuro – e no contributo da Sociedade para o avançar da especialidade –, Paulo Felicíssimo sublinha o imperativo de “ajudarmos a formação dos colegas mais jovens, para que possamos transmitir os nossos conhecimentos às gerações vindouras”, à medida que se continuará a contribuir para o “desenrolar e divulgação desta área do conhecimento, até porque somos todos nós – inclusivamente os doentes – que lucraremos com isso”.



*Sociedade Portuguesa de Medicina
e Cirurgia do Pé*

**E-mail: pe.e.tornozelo@spmcp.pt
www.spmcp.pt**